

Este número do Boletim ABIA é dedicado à memória do nosso amigo e companheiro Herbert Daniel (14.1.1946 - 29.03.1992).

Herbert Daniel não morreu; e sim se encantou. E no rastro de seu encanto deixou um exemplo a ser seguido. Abaixo, reproduzimos um texto seu de 1986, onde encontramos a síntese de suas ações que se traduzem num pensamento libertário que transgrediu os sucessivos exílios que viveu o autor: dos 6 anos de clandestinidade no Brasil, exílio de guerrilheiro nos espaços do banimento impostos pela ditadura, ao exílio no asilo confortável da Europa, no exílio da homossexualidade, exílio sim, "crime cujo castigo está nele mesmo e no rótulo: homossexual", ao exílio da morte civil no viver com AIDS dos que não acreditam que há VIDA ANTES DA MORTE.

## **SOMOS A MAIORIA**

Somos quem quer a paz. Somos quem abomina a passividade. Somos quem não quer o entulho autoritário nem o entulho utilitário. Somos quem quer nuclear nossas energias, para não mais precisar de energia nuclear. Somos quem sabe que não é verdade absoluta que todo racista é filho da puta, pois nenhum racista merece a dignidade de tal mãe. Somos quem sabe que racismo é a ditadura racial real da democratização da violência que vem desde a senzala. Somos quem acha que machismo não é papel de homem. Somos quem quer uma política de reprodução humana que não faça de homens e mulheres bichos procriadores. Somos quem quer que o aborto seja um último recurso de quem pode escolher métodos anticoncepcionais, e não permaneça na hipocrisia de hoje, numa ilegalidade protegida por interesses contrários aos das mulheres. Somos quem afirma que a mulher deve escolher quando e como ficar grávida. Somos quem não quer abandonar a infância, nem prender o menor na minoridade. Somos quem quer poder trabalhar, morar, ir e vir, sem ler que obedecer aos padrões sexuais oficiais. Somos quem quer namorar sem a ameaça do impudor de quem vem no escuro ver. Somos quem não quer piedade, pois defeito quem tem \_ quem alija o deficiente físico. Somos quem não quer ser preso e torturado em asilos que são fábricas de alucinados. Somos quem não tolera o desrespeito à humanidade do preso. Somos quem não tolera a impunidade da violência. Somos quem quer um menor contingente armado de homens nas ruas da cidade, queremos menos guerra civil. Somos quem não quer se intoxicar com as drogas pesticidas, agrotóxicos, fumaças de indústrias, poluição. Somos quem não quer ver rios assassinados. Somos quem não quer ver a terra assassinada. Somos quem não quer ver quem trabalha na terra assassinado. Somos quem quer uma nova relação na terra, queremos viver a Terra. Somos quem está aí experimentando na juventude novas possibilidades de rejuvenescer a Terra. Somos quem não quer ver velhos limitados ao aposentado papel de participio passado do mundo produtivo. Somos quem não quer uma escola que prenda, somos quem quer um ensino que aprenda da vida. Somos quem não quer a tecnologia da doença, mas a arte da saúde. Somos quem acha que qualquer maneira de amor vale a pena. Somos quem pensa que nenhuma maneira de temor vale a pena. Somos quem sabe que analfabeto é quem é espoliado por um sistema que fez da escrita um código da elite. Somos quem não quer cultura popular domesticada nos museus de folclore, nem cultura erudita domesticada nos museus vazios da hierarquização. Somos quem quer que a liberdade de expressão de pensamento seja uma matéria sobre a qual não se legislará. Somos quem quer proibir todo tipo de censura. Somos

quem quer rádios livres, televisões livres, ouvintes livres, espectadores libertos do condicionamento do plim-plim. Somos quem não quer demarcar os índios na minoridade civil, mas quer ver demarcadas suas terras, suas rotas, suas setas apontando o arco das suas próprias opções. Somos quem não quer pagar dívidas que foram feitas por decisões externas à nossa vontade. Somos quem não quer pagar prestações imprestáveis a não ser para a fome de beeneagás. Somos quem não quer ser punido com a perda do emprego, nem ser punido por ser desempregado. Somos quem não quer ser punido com um emprego num trabalho intolerável, cuja condição é o massacre à mão que obra. Somos quem quer ampliar a greve como direito, para não ter que suportar o encolhimento do salário e o estiramento de uma jornada de trabalho acima de oito horas. Somos quem quer livremente se associar, somos quem quer garantir a autonomia sindical. Somos quem não quer ser punido por um lazer aviltado pelos donos do lucro. Somos quem não quer ser exportador da morte feita aço de canhão. Somos quem quer assistir paradas do militarismo e do policialismo, paradas definitivas. Somos quem quer menos leis, porém melhores e mais legítimas. Somos quem não quer ser obrigado a escolher sempre entre coisas que não quer. Somos quem quer. Somos contra quem só pode mandar e impedir. Somos quem faz. Somos, todos nós, quem cria. E quem faz não precisa mandar, nem pedir. Faz.

**Somos a maioria.**

#### **AOS COLABORADORES DO BOLETIM ABIA**

*O BOLETIM ABIA aceita propostas de artigos, mas todas as colaborações não encomendadas são submetidas ao Conselho Editorial, a quem cabe a decisão final sobre sua publicação, O Conselho Editorial reserva-se o direito de sugerir ao autor modificações de forma, com o objetivo de adequar os artigos às dimensões do Boletim ou ao seu padrão editorial e gráfico. As notas de rodapé e referências bibliográficas devem ser evitadas ou restritas ao mínimo possível. A publicação de um artigo não exprime endosso do Conselho de todas as afirmações feitas pelo autor. O artigo encaminhado, se possível, deve ter no máximo 6 laudas, de trinta linhas cada lauda, em espaço 2.*

*Desde este número do Boletim ABIA (16), as edições serão temáticas, dentro do possível. A pauta dos próximos n.º são: Boletim ABIA (17) Políticas Públicas; (18) Epidemiologia; (19) Direitos Humanos. Estão previstos dois números especiais: As ONG's/AIDS e Mulheres e AIDS.*

#### **INFORME DAS ONG'S**

*Gostaríamos de fazer um esclarecimento quanto ao nosso artigo, publicado na coluna Informe das ONG's, Boletim ABIA (14), setembro de 1991.*

*Os trabalhos de assistência às pessoas com infecção pelo HIV/AIDS, nas áreas médica, odontológica e psicológica de que trata o referido artigo, dizem respeito aos serviços de encaminhamento, prestados por nossa organização, para os serviços especializados de referência/AIDS disponíveis no estado.*

*Pedimos desculpas, caso o texto não tenha sido suficientemente claro neste sentido, e colocamo-nos à disposição para demais esclarecimentos.*

*Rogério Gondim - Presidente GAPA/CE - R. Júlio César, 420 - 60435 - Fortaleza - CE*

Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS  
Rua Lopes Quintas, 576 - Jardim Botânico  
22460 - Rio de Janeiro - RJ.  
Telefone (021) 239-5171  
Fax (021) 294-5602  
**Disque AIDS PELA VIDDA (021) 294-3131 de 2ª a 6ª**  
**-feira, das 13 às 21 horas**

*A ABIA é uma organização não-governamental, cuja finalidade é promover a educação e a informação para a prevenção e controle das epidemias de HIV/AIDS. Todas as nossas ações são baseadas nos princípios da solidariedade.*

*A ABIA organiza-se como uma instituição profissionalizada. Contamos com o apoio material e financeiro de várias organizações no exterior e no Brasil, tais como: Misereor/Zentralstelle Entwicklungshilfe e V., CAFOD - The Catholic Fund for Overseas Development, IAF - Interamerican Foundation, The Ford Foundation, ICCO- Organização Intereclesiástica para Cooperação ao Desenvolvimento, AHRTAG - Appropriate Health Resources and Technologies Adion Group, ABF Stockholms Lan, ICRW - International Center for Research on Women, OXFAM - Associação Recife-Oxford para a Cooperação ao Desenvolvimento, PWF - Public Welfare Foundation, e empresas brasileiras, estatais e privadas, através do programa A Solidariedade é uma grande empresa.*

#### **Expediente**

**Boletim Nº 16 - Abril de 1992**

**Publicação: trimestral**

**Tiragem: 15.000 exemplares**

**Distribuição interna**

**Presidente: Herbert de Souza.**

**Jornalista Responsável: Mônica Teixeira - MT 15309**

**Editores responsáveis: Herbert Daniel (In Memoriam), Jacques Schwarztein, João Guerra, José Stalin Pedrosa e Richard Parker**

**Programação visual e produção gráfica: A 4 Mãos Ltda**

**Revisão: Sheila Gliosci**

**Editoração Eletrônica: Formatus**

**Produção Gráfica Fotolitos: Jornal Balcão**

**Impressão: Gráfica Mec Ltda**

*Este Boletim foi financiado com recursos liberados por: CAFOD e Caritas/Noruega*

## ENTRE OS IGUAIS, OS DIFERENTES

Há valores que herdamos e carregamos conosco, eles estão presentes nos nossos gostos, hábitos, maneiras e costumes. Convivendo com as outras pessoas, estabelecemos relações através das quais às vezes achamos que mandamos, outras vezes que somos mandados, detemos ou não o poder; um poder que nem sempre é aparente, mas que, mesmo simbólico, sabemos quando ele existe (ou inexistente). Toda esta bagagem cultural e estas disputas pelo poder importam a muitos, mas acreditamos que elas importam muito mais quando fazem parte da nossa história. Um dado importante, quando analisamos uma trajetória individual e/ou coletiva, é considerar neste processo a diferença de gênero; aliás, ressaltar o **gênero** é deixar falar a diferença. A diferença entre homens e mulheres, mas, principalmente, a diferença entre a masculinidade e a feminilidade, pois esta carrega consigo valores sócio-afetivos que são apreendidos, interiorizados e não podem deixar de ser questionados.

Em uma sociedade que tem historicamente uma imagem depreciativa da homossexualidade - uma **imagem coletiva** que se, por um lado, é mais que a soma das partes, por outro, nem todas as partes comungam inteiramente com ela - não existiriam outras imagens? O movimento homossexual que, no Brasil, teve seu ápice entre 1979 e 1981, contribuiu de forma fundamental para a construção de um outro modelo da homossexualidade a partir da construção da identidade homossexual, como demonstra o trabalho de Edward MacRae. Portanto, ao falarmos das relações e das práticas homossexuais, precisamos saber quem fala. Aqui seguiremos as falas **subterrâneas**, aquelas que encontram dificuldades para se afirmar socialmente nas relações de força existentes, que se mantêm em silêncio e afloram nos momentos de crise.

Quando o movimento homossexual inverte o estigma de "desviante" para o de um "modelo alternativo" ao predominante, através da manipulação de sua identidade, esquece que sob um outro referencial não basta apenas mudar de lugar, é preciso repensar estes lugares; o caso das mulheres homossexuais é um exemplo. No Brasil, com o surgimento de novos personagens políticos e de "memórias subterrâneas" - para usar a expressão de Pollak - que só esperavam o momento propício para **subir** e fazer-se ouvir, parece que a discussão sobre o lesbianismo continuou **subterrânea**.

No interior do grupo homossexual: a eterna diferença. As mulheres têm questões específicas que não conseguem pôr em discussão, além de ser comum, como afirma MacRae, entre os "homossexuais em geral a expressão de sentimentos negativos a respeito do sexo oposto". Algumas partiram para grupos específicos de mulheres homossexuais; é o caso de uns poucos grupos existentes em São Paulo e no Rio Grande do Sul, alguns considerados herdeiros da linha mais radical no feminismo. No movimento feminista foram discriminadas por serem lésbicas e suas questões remetidas ao "bloco homogêneo" - homossexualidade, que deveria ser discutido no movimento homossexual. Apesar disso, as lésbicas militantes contribuíram para que se refletisse mais sobre a sexualidade feminina e sobre o lesbianismo. No entanto, quando o **movimento homossexual** precisa manipular a

identidade do então discriminado "bloco homogêneo", eis que os grupos lésbicos se tornam radicais (não uso o termo como uma censura, pelo contrário, radical é com certeza resistente e firme numa posição definida, que pode ser bastante útil em uma dada conjuntura). Muitas vezes não aceitam uma aliança, por quê? No que diz respeito às questões consideradas específicas pelas mulheres homossexuais, são verdadeiras as suas especificidades, mas, ao mesmo tempo, podem correr o risco de levar ao extremo sua discussão e perder de vista a importância da problemática mais ampla. Neste sentido, a questão da AIDS é um exemplo significativo, dado que o referendo da medicina, que aliás foi (ou é?) importante para a própria definição da homossexualidade, acaba sendo utilizado para que as mulheres homossexuais se considerem isentas da epidemia da AIDS.

Argumenta-se que haja, por um lado, a tendência dos homens considerarem como gerais as suas necessidades específicas, por outro, o fato da educação diferenciada entre homens e mulheres. Se a homossexualidade pôde ser construída como um "modelo alternativo" à sociedade mais ampla, mesmo havendo no interior do movimento uma nova correlação de forças, a produção de uma imagem coletiva, a tentativa de tornar o tal "bloco homogêneo" (homogêneo?)... Não se poderia tentar uma coalizão calcada na diferença? Voltando à questão inicial quando afirmei que o gênero significa a emersão da diferença, gostaria de pensar um pouco esta diferença interna que é, sobretudo, externa. Nas Ciências Sociais, o **gênero** tem aparecido como a possibilidade de se recontar a história. A história que foi, até pouco tempo, contada sob uma ótica masculina não foi feita somente pelos homens. Assim, contamos agora a história das mulheres e, conseqüentemente, a história **das relações entre os sexos**. A história de quem, em diferentes esferas, resistiu, brigou para falar e se fez ouvir.

Antes de falarmos da **orientação sexual** devemos considerar se falamos de homens ou de mulheres, pois a inserção dos indivíduos sexuais na sociedade é diferenciada e tem sempre presentes relações de poder. A americana E. Blackwood, afirma que é um erro considerar a priori a homossexualidade feminina como menos existente ou menos institucionalizada do que a masculina. Esta é uma maneira de perceber apenas um lado das coisas. O "modelo alternativo" - homossexualidade, quando visto como um "bloco homogêneo", seja pelos de fora ou pelos de dentro, reduz as nuances internas ao movimento e a realidade diferenciada de homens e mulheres homossexuais. A inserção social e o contexto cultural fazem com que as atribuições masculinas e femininas sejam vivenciadas de maneiras diferentes por homens e mulheres e mais, nem sempre se desempenha o papel que lhes é **destinado**. Possivelmente, esta diferença faz com que as mulheres sejam discriminadas mais uma vez. Este é um dado concreto, mas, apesar da **eterna diferença** entre homens e mulheres, há a necessidade de nos sensibilizarmos para questões que dizem respeito à humanidade como um todo. A discussão da AIDS, neste sentido, cada vez mais tem-se tomado crucial. Estariam, então, as mulheres homossexuais isentas deste todo?

Não se pode mais negar a condição de sujeito das mulheres (hetero ou homossexuais), negar que elas são donas dos seus atos e vontades. Diz-se que as relações entre os homens são mais promíscuas do que entre as mulheres e que, por sua vez, quando uma mulher está **casada** some do movimento, some dos bares, enfim, some do circuito. Não será porque a concepção destas mulheres é a concepção das mulheres a respeito do amor, da sexualidade,

das relações, do mundo...? E, se segmentos do movimento homossexual acabaram se voltando para o enfrentamento da AIDS - trata-se da sobrevivência biológica da "espécie"(?) -, as mulheres homossexuais não poderiam se voltar para a AIDS como uma questão tematizada junto aos direitos humanos?

É bastante difícil olhar com os olhos dos outros porque só temos os nossos, mas, talvez, o caminho seja considerar que os outros nos olham com os olhos deles, os únicos que possuem.

*Cristina Luci C. da Silva*  
*Mestranda em Sociologia-IFCS/UFRJ*

## O DESAPARECIMENTO DA HOMOSSEXUALIDADE

Arquipélagos de lantejoulas, toucados de penas iridescentes (em cada requebro da coxa trepidante, as galas de cem flamengos que flutuam no ar tornado um pó rosado), constelações de purpurinas transformando o rosto numa máscara a mais, como esses bonecos de Martha Khun-Weber tão fascinantes quanto horríveis dependendo do perfil, toda uma alvenaria *kitsch*, de uma impostada delicadeza, de uma estridência artificiosa, desaba sob o impacto (é preciso dizê-lo) da morte. A homossexualidade (pelo menos a homossexualidade masculina, que dela trata-se) desaparece do cenário que tão rebuscadamente armara, some de mansinho, apaga-se como a esfumação de um pincelinho em torno da pestana rígida, melada. Toda uma melifluidade relaxada de lencinhos de papel picado irrompendo na paz conjugal do dormitório, por elas (ou por eles: oh as **eláceas**), a gazelas montadas e por touros pegadas e rasgadas, flocos de algodão doce feito de açúcar mas no fundo no fundo como um ressaibo de fel, toda essa parafernália de simulações cênicas jogadas normalmente em torno aos trocadilhos da identidade sexual, desaba - dir-se-ia, por inércia do sentido, com estrépito, mas na verdade quase que suavemente, num desfalecimento geral. A decadência seria romântica se não fosse tão transparente, tão obscena na sua translucidez de polietileno canforado. Desvanece-se, mas sem descer aos abismos donde supõe-se emergida graças ao escândalo da liberação, mas indo embora aos poucos, desfiando-se num declínio quase horizontal, continuando até certa existência menor - de uma maneira, claro está, atenuada, levíssima como a esfumação de um esfuminho - numa espécie de calado quarto do lado - o quarto de Virgínia Wolf, talvez, mas silencioso, tendo renunciado aos célebres e comoventes *parties*.

E preciso esclarecer: o que desaparece não é tanto a prática das uniões dos corpos do mesmo sexo genital, neste caso corpos masculinos (e da paródia, denegação e roçamento de esta dada - no sentido de dom - masculinidade trata bastante seu imaginário), mas a festa do apogeu, o interminável festejo da emergência à luz do dia, no que foi considerado o maior acontecimento do século XX: a saída da homossexualidade à luz resplandescente da cena pública, os clamores esplêndidos do - diriam na época do Wilde - **amor que não se atreve a dizer seu nome**. Não somente atreveu-se a dizê-lo, mas o tem gritado na vozearia do excesso. Acaba, poder-se-ia dizer, a festa da orgia homossexual, e com ela termina-se (não era, por sinal, sua expressão mais chocante e radical?) a revolução sexual que sacudiu o Ocidente no decorrer deste acidentado século. Cumpre-se, de algum modo, o programa de Foucault - enunciado, para surpresa da maioria e duradoura estupefação dos militantes da causa sexual, no primeiro volume da História da Sexualidade. O **dispositivo de sexualidade**, esvaziado, saturado, revertido, vive - embora seja possível vaticinar a argúcia de alguma treta, alguma sobrevivência na adscrição forçosa e subsunção a outros dispositivos mais atuais e mais potentes -, talvez no cúmulo de sua saturação, um manso declínio.

Um declínio tão manso que se a gente não olha bem não percebe: esse é o processo da homossexualidade contemporânea. Ela abandona a cena fazendo uma cena patética e desgarrada: a de sua morte. Deve existir algum nível - não um nível de causalidade - no

qual essa contigüidade entre a exacerbação descabelada dos impulsos sexuais ("verdadeiros laboratórios de experimentação sexual", disse Foucault) e a chegada da morte em massa da AIDS, algum espaço imaginário, ou certamente literário, onde essa contigüidade se carregue de sentido, sem ter obrigatoriamente que cair em fáceis exorcismos de santão. Seja lá o que for, há uma coincidência. Caberá aos historiadores determinar a força e a qualidade da irrupção mórbida no devir histórico, compreendê-las. Aos que agora sentimos esses acontecimentos não pode escapar a sinistra coincidência entre um *maximum* (um esplendor) de atividade sexual e a emergência de uma doença que utiliza os contatos entre os corpos (e usou, em Ocidente, sobretudo dos contatos homossexuais) para se expandir em forma terrificante, ocupando um lugar axial na constelação de coordenadas do nosso tempo, em parte por se registrar aí a atraente (por ser misteriosa e ambivalente) colusão de sexo e morte.

Pode-se pensar que nunca a orgia chegou a extremos tão radicais quanto sob o império da liberação sexual (e mais acentuadamente homossexual) da nossa época. O livro de Foucault pode antecipar essa inflexão - que agora parece se verificar não apenas no plano das doutrinas, mas nas práticas corporais -, porque ele mostra como a sexualidade vai chegando a um grau insuportável de saturação, com a extensão do dispositivo de sexualidade aos mais íntimos poros do corpo social.

O dispositivo social desenvolvido em torno da irrupção da AIDS leva paradoxalmente a sua máxima potência a promoção planejada da sexualidade - sendo ela tratada como um saber por um poder - e marca de passagem o ponto de sua inflexão e decadência. É curioso constatar como estamos até tal extremo imbuídos dos modernos valores da Revolução Sexual que nosso primeiro impulso é denunciar colericamente seu refluxo. Não vemos a historicidade dessa revolução, não conseguimos relativizar a homossexualidade tal como ela é dada (ou era dada até agora), ensinada e transmitida por médicos, psicólogos, pais, meios de comunicação, amantes e amantes dos amantes - sendo essa ilusão de a-historicidade intemporal incentivada por boa parte do movimento homossexual, que defende a teoria de uma essência imutável do ser homossexual. Nossa homossexualidade é um **Sexpol**, ou pelo menos se apresenta e se conduz, apesar da homofobia de Reich, como uma de suas resultantes. Um elemento político, um elemento sexual. Parece *El Fiord* de Osvaldo Lamborghini (mas um Lamborghini sem êxtase). Na verdade, sem êxtase?

Sabemos graças a Bataille que a sexualidade (o "erotismo dos corpos") é uma das formas de atingir o êxtase. Bataille diferencia três formas de dissolver a mônada individualizante e recuperar certa indistinção originária da fusão: a orgia, o amor (o "erotismo dos corações"), o sagrado. Na orgia chegava-se à dissolução dos corpos, mas estes se restauravam rapidamente e instauravam o cúmulo do egoísmo, o **vazio** que produzem na sua ginástica perversa sendo ocupado pelo personalismo obsceno do puro corpo (corpo sem expressão, ou, melhor, corpo que é sua própria expressão, ou pelo menos tenta...). No sentimentalismo do amor, no entanto, a **saída de si** é mais duradoura, o outro permanece tecendo uma capinha que resiste a passagem do tempo no transporte da sublimação erótica. Mas é só na dissolução do corpo no cósmico (ou seja, no sagrado) que se dá o êxtase total, a saída de si definitiva.



Estamos demasiadamente presos à idéia de sexualidade para poder entender isto. A sexualidade vale por sua potência intensiva, por sua capacidade de produzir estremecimentos e vibrações (seria, nessa escala, o êxtase uma espécie de **grau zero**?) que se sentem no plano das intensidades. Mas isso não quer dizer que seja a única forma, menos ainda a forma obrigatória, como quer nos fazer acreditar Reich e a caterva de ninfomaníacos que o seguem, ainda questionando-lhe alguma coisa, mas imbuídos do espírito da marcha ascendente do gozo sexual. Soa já antiquado. Mas pensemos quanto tem-se lutado por chegar, por conseguir, por atingir esse paraíso da prometida sexualidade. Com a AIDS vai acontecendo, sobretudo no campo homossexual (penso mais no caso brasileiro, muito **avançado**, isto é, onde chegou-se a um grau considerável de desterritorialização nos costumes, em outros países menos ousados esse processo de refluxo talvez não possa ser percebido com a mesma clareza; é que este desaparecimento da homossexualidade está sendo discreto como uma anunciação de periferia, a muitos locais a notícia demora a chegar, ainda não se inteiraram...), outra volta de parafuso do próprio dispositivo de sexualidade, não no sentido da castidade, mas no sentido de recomendar, através do progressismo médico, a prática de uma sexualidade limpa, sem riscos, desinfetada e transparente. Com isto não desejo postular um desquício sexual, Deus nos salve, após tudo o que temos passado com a premissa de nos libertar, mas advertir (constatar, conferir) como vai ocorrendo um processo de medicalização da vida social. Isto não deve querer dizer (confesso que não é fácil) estar contra os médicos, já que a medicina desempenha, no combate contra a ameaça mórbida, um papel central.

O pânico da AIDS radicaliza um refluxo da revolução sexual que já vinha se insinuando, em tendências como a minoritariamente insinuada nos Estados Unidos, que postulavam o retorno à castidade<sup>1</sup>. Na verdade a saturação já vinha de antes. A saturação parece inerente ao triunfo do movimento homossexual no Ocidente, ao triunfo da homossexualidade, que vem de um processo bastante movimentado e conhecido que não é preciso repetir aqui. Lembremos que a homossexualidade é uma criatura médica, e tudo o que tem-se escrito sobre a passagem do **sodomita** ao **perverso**, do **libertino** ao **homossexual**<sup>2</sup>. Basta ver que a moderna homossexualidade é uma figura relativamente recente que, pode-se dizer, e enunciá-lo é um anúncio, viveu num período de cem anos sua glória e seu fim.

Que acontece com a homossexualidade, se ela não voltar às catacumbas donde era tão necessário resgatá-la, para que brilhasse na provocação de sua libertinagem de lábios refulgentemente vermelhos? Ela simplesmente vai-se diluindo na vida social, sem chamar mais a atenção de ninguém, ou de quase ninguém. Fica como uma intriga a mais, como uma trama relacional entre as possíveis, que não desperta já animadversão, mas também não admiração. Um sentimento nada especial, como algo que pode acontecer a qualquer um. Ao torná-la completamente visível, a ofensiva de normalização (embora estejamos tentando mudar a terminologia, mais ainda depois de que Deleuze lançou a noção de

---

<sup>1</sup> Ver o artigo de Silvere Lotringer, "Defunkt Sex", in *Polisexuality, Semiotex(e)*, Vol. IV, nº 1, Columbia University, New York, 1981.

<sup>2</sup> Além da *História da Sexualidade* Vol. 1 de Foucault, pode-se ver o livro de Alberto Cardin Chamanes, *Guerreros y Travestis*, Barcelona, Tusquets, 1984, bem como o de Guy Hocquenghem, *Race d'Ep!*, Paris, Libres Hallier, 1979. Para um panorama geral, ver, de Peter Frye Edward MacRae, *O que é homossexualidade*, S. Paulo, Brasiliense, 1983.

**sociedades de controle**<sup>3</sup> como substituinte das **sociedades de disciplina** das quais fala Foucault, não é fácil chamar de uma maneira muito diferente a tão profunda reorganização, ou tentativa de reorganização das práticas sexuais, indicada sensivelmente pela introdução do látex na intimidade das paixões) conseguiu retirar da homossexualidade todo mistério, banalizá-la completamente. Não dá vontade, certamente, de festejar, afinal foi divertido, mas tampouco de lamentar. É que a homossexualidade não foi por sinal uma coisa tão maravilhosa quanto seus interessados apologistas proclamaram. Não há, em verdade, uma homossexualidade, mas, como diriam Deleuze e Guattari, mil sexos, ou pelo menos, até faz bem pouco tempo, duas grandes figuras da homossexualidade masculina no Ocidente. Uma, a das bichas loucas geneteanas, sempre flertando com o masoquismo e a paixão de abolição; outra, a dos *gays* à moda americana de erguidos bigodinhos hirsutos, desmoronando-se na sua condição de paradigma individualista no tédio mais abjeto (uma substituição do matrimônio normal que consegue a façanha de ser mais aborrecido do que ele). Arriscar-me-ia a postular que a reação de grande parte dos homossexuais perante às campanhas de prevenção está sendo deixar de ter relações sexuais em geral, mais do que proceder a uma mudança radical das antigas práticas por outras novas "seguras", ou seja, com camisinha.

A homossexualidade esvazia-se de dentro para fora, como uma luva. Não é que tenha sido derrotada pela repressão que com tanta violência abateu-se sobre ela (sobretudo entre as décadas de 30 e 50, e, no caso de Cuba, ainda hoje é perseguida: uma forma torturante de que conserve atualidade e alguma frescura). Não: o movimento homossexual triunfou amplamente, e está muito bem que isso tenha assim acontecido, no reconhecimento (não isento de humores intempestivos ou tortuosos) do direito à diferença sexual, grande bandeira da briga libidinal do nosso tempo. Há que reconhecê-lo e passar a outra coisa. Já o movimento das bichas (não só político, mas também de ocupação de territórios: um verdadeiro **Movimento ao Centro**) começou a se esvaziar quando as bichas loucas foram virando menos loucas e, hirtos os buços, a se integrarem: o dilatado enredo que fundia aos amantes do idêntico com as mais heteróclitas, delirantes e perigosas marginalidades, começou a rachar à medida que os **veados** ganharam terreno na vida social. O episódio da AIDS é o golpe de graça, porque muda completamente as linhas de aliança, as divisórias de águas, as fronteiras. Há sim discriminação e exclusão com relação aos doentes de AIDS, mas eles - lembre-se - não são somente **bichas**. Esse estigma parece ter mais a ver com o escândalo da morte e sua proximidade numa sociedade altamente medicalizada. Sua promoção aterroriza e serve para acabar de limpar de vez os antigos poros tumefactos e purulentos que a perversão sexual ocupava, nos quais ria com o riso das duas Divine (a maricona de *Nossa Senhora das Flores*, a imensa travesti americana). Aliás, com a chegada da visitante inesperada (assim se chama a última peça de Copi), os antigos vínculos de socialidade, já desmanchados pela quebra dos laços marginais de que falávamos, terminam de afundar e de desabar. Ocorre que com a AIDS mudam as coordenadas de solidariedade, que deixam de ser internas ao gueto dos **entendidos**, como sucedia durante a perseguição, para passar por cima ao setor homossexual e transbordá-lo por todas as partes. Assim,

---

<sup>3</sup> Deleuze, Gilles: *Pourparlers*, Paris, Minuit, 1990.

percebe-se que são de um modo geral as mulheres (as mulheres maduras) as que se solidarizam com os "aidéticos", enquanto seus colegas de salão fogem apavorados.

Toda essa promoção pública da homossexualidade que agora, por ser tão abundante e pesada, se afunda, não foi em vão. Ela contribui a dispersar as concentrações paranóicas em torno da identidade sexual, trazendo a reiterativa discussão sobre a identidade às salas de ver TV, até que todo mundo percebesse a sua estupidez essencial; fazendo isso, acabou favorecendo certo modelo de androginia que não passa necessariamente pela prática sexual. Em outros termos: as bichas foram as primeiras a usar brinquinho; agora pode-se usar brinquinho sem deixar de ser macho. Embora ser macho já não signifique muito. Em última instância, o desaparecimento da homossexualidade não detém o devir mulher que o feminismo (mais um fóssil em extinção) inaugurara; pelo contrário, o consolida e o assenta, mais do que radicalizá-lo, e lima suas arestas pontiagudas.

Entretanto, a saturação (por supuração) desta engarrafada via de fuga intensiva que significou, apesar de tudo, a homossexualidade, com sua sucessão de vítimas e seus joguinhos de desafiar a morte (pensemos na peça de Copi, vítima de AIDS, *Les Escaliers du Sacre Coeur*: uma coorte de travestis, bofes, malandros e policiais brinca de desafiar a morte nas escadarias da catedral, que funciona como fundo longínquo; desafio que a chegada da morte em massa tornou desnecessário, entre macabro e ridículo), favorece que sejam procuradas outras formas de reverberação intensiva, entre as quais deve-se considerar a atual promoção expansiva da mística e dos místicos, como maneira de viver um **êxtase ascendente**, num momento em que o êxtase da sexualidade torna-se, com a AIDS, totalmente **descendente**.

Com o desaparecimento da homossexualidade masculina (a feminina, é importante esclarecer, continua em certo modo seu crescimento e sua extensão, mas num sentido que parece mais de corporação de mulheres que de desquício dionisíaco), a sexualidade em geral vai-se tornando cada vez menos interessante. Um século de foda terminou por fartarnos. Não é casual que a droga (ainda que sejam seus piores usos) ocupe crescentemente o centro das atenções mundiais. Apesar de tudo, a droga (ou pelo menos certas drogas, os chamados alucinógenos) aproxima ao êxtase e conclama, em que pese aos malucos históricos, algum tipo de ritualização que a explosão dos corpos em libertinagem desavergonhada nunca se propôs (embora já uma heroína de Sade proclamava: "até a perversão exige certa ordem").

Abandonamos o corpo pessoal. Trata-se agora de sair de si.

*"Este artigo também foi publicado no Jornal "Nós por exemplo", do NOSS (Núcleo de Orientação em Saúde Social) do RJ.*

*Nestor Perlongher*

*Poeta e antropólogo. Professor da UNICAMP*

## **A SEXUALIDADE DOS MENINOS DE RUA**

Nesta apresentação, examinarei alguns dos elementos específicos da sexualidade dos meninos de rua no Brasil urbano contemporâneo, afetada pelo contexto sócio-econômico mais amplo.

Enfatizarei o fato de que a sexualidade desse grupo não pode ser descrita de forma monolítica e sim como uma grande variedade de práticas, valores e representações que, por um lado, funcionam como um sistema auto-sustentado com sua diversidade interna e, por outro lado, justapõem-se às da sociedade brasileira como um todo.

Desse modo, devemos fazer uma referência especial à prostituição de crianças, pois é uma realidade dramática com números significativos que afeta muitas delas desde os oito anos de idade. Seu envolvimento com a prostituição começa nas ruas, nos bordéis, clubes ou casas de massagem. As vezes, os pais fazem com que as próprias filhas se envolvam com a prostituição para sua própria sobrevivência, bem como a do resto da família; nas áreas de garimpo, é comum os pais venderem suas jovens filhas por algumas gramas de ouro para o uso sexual dos garimpeiros.

Como isso tudo gera uma problemática específica de adolescentes de rua?

Antes de prosseguirmos, devemos observar que o conceito de adolescência que geralmente consideramos não é universal, mas bastante moldado com base na experiência da classe média e da classe trabalhadora dos países desenvolvidos. Nos países em desenvolvimento, e de acordo com as leis da miséria econômica, as crianças raramente têm a oportunidade de viver uma infância saudável, sendo forçadas a assumir diretamente os papéis e responsabilidades de adultos, inclusive a do trabalho.

Além disso, nas condições de vida pobres, alguns dos problemas que afetam esse grupo etário podem ser vividos de uma forma mais dramática. O incesto e a violência sexual contra crianças são um exemplo desses dramas. Só no Brasil, 9,1 milhões de crianças são vítimas da violência sexual. As jovens violentadas por homens mais velhos, muitas vezes amigos e parentes, são lançadas ao papel duplo de crianças confusas/violentadas e mulheres prematuramente cientes da sua sexualidade. A falta de recursos para lidar com essa situação ajuda a esquecer o abuso e a implementar sua condição de marginalidade, já vivida devido ao dano emocional e físico.

Desde a mais tenra idade, os meninos que vivem na rua usam o sexo como a linguagem primária para comunicar-se com seus companheiros, bem como com o mundo adulto indiferente. Essas crianças e adolescentes são pressionados socialmente a usar seus corpos como uma forma de criar ligações sociais, envolvendo-se por vezes, com a prostituição como a última alternativa de sobrevivência.

Além do mais, as crianças tendem a agrupar-se para dormir, a fim de promover uma sensação de segurança, pois suas vidas estão constantemente ameaçadas. A polícia e o crime organizado são co-responsáveis pelo assassinato de muitos meninos de rua.

A iniciação precoce à vida sexual é, portanto, um fato. No contexto da sociedade brasileira, a vida sexual prematura também implica uma série de problemas, como morte prematura devida a abortos: de 3 milhões de abortos ilegais, 700 mil foram feitos por adolescentes (BENFAM 86).

A iniciação à vida sexual, nesse contexto, não é uma questão isolada. Muitas formas de interação sexual prevalecem entre os grupos de meninos de rua. A intimidade e o erotismo surgem em algumas nuances diferentes, que não se mantêm estáticas, mas mudam com o tempo e com as situações específicas. Portanto, não é apenas difícil, mas também incorreto, descrever em categorias rígidas a sexualidade das crianças e adolescentes de rua.

Os corpos se tocam, os sentimentos mais íntimos são compartilhados, a vida diária acontece de uma forma certamente diferente da prevista pelas estruturas domésticas tradicionais. Entre as crianças e adolescentes, são criados alguns elos que repetem ou subvertem a ordem familiar, muitas vezes mantendo seus valores mais conservadores. Elas podem se relacionar como "mães", "filhos", "colegas", "líderes" e alguns outros tipos e estereótipos influenciados pelos personagens sociais que podem variar da "tia" bondosa ao conhecido e temido traficante de drogas, ou mesmo a polícia, todos parte do repertório usado pelas crianças para autoidentificação. Algumas crianças e adolescentes engajam-se em relações estruturais permanentes e algumas as evitam.

O sexo se dá entre essa diversidade de relacionamentos e numa série de formas. Mesmo sendo a intimidade física compartilhada através da proximidade, toques, abraços e beijos, a representação da interação sexual dá prioridade ao sexo genital e às emoções (tanto de amor quanto de raiva) que devem ser mostradas através de mensagens físicas claras e imediatas. Isso é parte de uma atmosfera mais ampla de gratificação imediata, na qual ninguém sabe o que vai acontecer em seguida e na qual as crianças desejam que as coisas sejam feitas de imediato. A comida deve estar lá quando sentirem fome, o sexo deve acontecer quando sentirem desejo, a agressão é uma resposta imediata a sua frustração, os abraços e beijos devem ser dados para provar afeto e o comportamento auto-destrutivo é a atitude mais comum quando os sentimentos são confusos ou contraditórios.

O sexo se dá nas ruas, em espaços públicos, onde os cantos escuros ou malocas oferecem o mínimo de privacidade. Algumas dessas interações tornam-se relações mais estáveis e alguns casais têm filhos, que vivem com eles ao ar livre. Contudo, mesmo que essa forma de conjugalidade prevaleça como um ideal, muitos outros tipos de interação sexual coexistem.

O sexo com vários parceiros é uma forma corrente, principalmente para os homens. Nessa mesma linha, o poder dentro do grupo baseia-se freqüentemente no conceito de masculinidade, este em si baseado em grande parte no nível de atividade sexual do

indivíduo. Dessa forma, o menino de rua pode elevar sua posição social e poder no grupo mantendo vários parceiros, sejam eles meninos ou meninas.

O sexo entre crianças do mesmo sexo também é comum, não sendo necessariamente visto como homossexualidade. O conceito de homossexualidade, nas interações das crianças de rua, tem suas percepções especiais: por um lado, há toda uma linguagem de preconceitos relativos a identidades homossexuais; por outro, há vários comportamentos aceitos dentro do mesmo sexo que correspondem a práticas homossexuais. Essa distinção vem de uma configuração mais ampla da cultura e ideologia brasileiras contemporâneas, da qual os meninos de rua muitas vezes adotam os aspectos ideológicos mais conservadores (mesmo os que questionam suas práticas e sua própria existência).

No caso das meninas, que muitas vezes encaram a verdadeira ameaça de violência física ou estupro na família ou pelos seus amigos nas ruas, estabelecer uma relação com outras meninas pode não ser necessariamente uma definição de orientação sexual. Essa relação oferece acima de tudo a proteção e afeto necessários, sem ameaçar seu bem-estar. A homossexualidade, segundo vista pelas adolescentes que vivem nas ruas, é em grande parte conceitualizada de acordo com o tipo de código de interação com amigas definido pelo grupo, em vez das atividades ou opções sexuais envolvidas. Por exemplo, duas meninas podem ter abertamente um compromisso íntimo sem serem consideradas pelo grupo como sapatões; contudo, se a questão da possessividade surgir através de um comportamento identificado como ciúme por parte de uma das meninas, essa menina será rotulada de sapatão.

Assim como no caso das meninas, as atividades sexuais entre meninos que vivem nas ruas são difusas. Mais uma vez, os códigos definidos pelo grupo determinam a identificação ou não desse indivíduo como homossexual. Contudo, os meninos se identificam. Por exemplo, o troca-troca (sexo entre homens com alternância dos papéis desempenhados pelos parceiros) é tanto uma forma de liberação sexual quanto de manutenção da identidade masculina (pois eles alegam que a masculinidade implica constante performance sexual) num ambiente no qual as meninas são minoria (cerca de 10%). Além do mais, assim como as meninas usam seu corpo como instrumento de sobrevivência, alguns meninos também comercializam seus serviços sexuais para homens mais velhos. Nessa situação, o simples fato de um rapaz estar envolvido numa relação sexual com outro rapaz, só pelo dinheiro, é visto como uma atividade de sobrevivência, não uma opção sexual.

Contudo, a atividade sexual é manifestada pelas meninas e meninos que vivem nas ruas como algo de que "precisam" para "sentir-se bem". Mesmo quando descrevem uma experiência sexual como dolorosa, eles normalmente a aceitam como uma forma de "receber algo", pois ser desejado fisicamente equivale a ser amado emocionalmente. No caso da violência, contudo, o sentimento de humilhação muitas vezes leva essas crianças e adolescentes a comportamentos auto-destrutivos: uso de drogas e auto-mutilações com lâminas e cacos de vidro.

Embora os meninos de rua não possam ser considerados um grupo homogêneo, têm uma origem sócio-cultural comum. Vêm em grande parte dos setores mais vulneráveis da

sociedade: lares mais pobres e com apenas o pai ou a mãe, pais desempregados, migrantes recentes, minorias étnicas (em lugares como o Rio e Salvador, a maioria das crianças de rua são negras, revelando o *apartheid* social que prevalece secretamente na sociedade brasileira; no sul do Brasil, as crianças de rua são louras e de olhos azuis, pois são descendentes da população de imigrantes europeus).

A identidade desse grupo é construída com a justaposição de muitos personagens diferentes e valores contraditórios, tomados de empréstimo da ideologia dominante ou da sua própria experiência de vida.

A identidade e interações sexuais dentro do universo da rua são afetadas diretamente pelas regras do ambiente social, que geram habilidades de sobrevivência específicas. Dentro desse processo de busca de identidade, constrói-se uma sexualidade da sobrevivência.

A ausência de qualquer tipo de apoio familiar ou social, aliada ao preconceito e à desinformação, leva os adolescentes marginalizados a um alto grau de ignorância com relação às funções de seus próprios corpos. Esse problema afeta principalmente as jovens, que já estão numa posição mais vulnerável para viver em um espaço tradicionalmente dominado por meninos.

Nesse ambiente, os meninos de rua precisam ter o direito e as condições adequadas de exercer seus direitos de cidadãos. Se não houver mudanças significativas no ambiente sócio-econômico, a sexualidade dos meninos de rua continuará social e economicamente explorada.

Por último, uma observação sobre autocrítica que deveria fazer parte do embrião de qualquer reflexão social: a qualidade de nossa abordagem, bem como as nossas próprias visões sobre as emoções e comportamentos dos jovens que vivem em situações de grandes riscos sociais, compreendem nossos próprios preconceitos culturais e de classe. Para termos uma visão mais realista e profunda da sexualidade dos meninos de rua, devemos primeiramente estar cientes da necessidade primordial de promover um apoio concreto que possa realmente capacitá-los a serem os autores de suas próprias histórias.

*Ana Filgueiras  
Coordenadora do Centro Brasileiro  
de Defesa dos Direitos das Crianças  
e Adolescentes do RJ*

## **O LEGADO DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL**

Faz aproximadamente 14 anos que começaram a se reunir em São Paulo os integrantes do Grupo Somos, o primeiro grupo homossexual organizado brasileiro. Seguiam os ideais de militância que se alastravam pelo mundo na década de 70, procurando um "terceiro caminho" para a atividade política. Abandonando a dependência dos partidos tradicionais, tanto de direita quanto de esquerda, surgiam então novos movimentos sociais com propósitos imediatistas para a resolução de problemas específicos.

Imbuídos da idéia de que o privado também é político, procuravam não só efetuar mudanças na organização da sociedade, mas também nos relacionamentos pessoais entre os indivíduos. Novas formas de convivência e participação eram gestadas no interior de tais movimentos, na tentativa de estabelecer práticas igualitárias normalmente implícitas na noção de "comunidade" .

Nesses movimentos, a construção de um espaço igualitário de comunidade não se dá pela posse de atributos comuns, mas, ao contrário, pela definição de uma mesma carência. Sendo a comunidade definida por uma experiência comum de discriminação ou opressão, só podem ser reconhecidos como membros plenos aqueles que compartilham desta condição, vivendo pessoalmente o problema.

Desta forma, o Somos/SP exigia que todos seus integrantes exibissem uma mesma identidade de discriminação e a igualdade promovida dentro do grupo era erigida como valor fundamental para todos os aspectos da vida de seus integrantes. Buscava-se apagar ou neutralizar qualquer diferença mais importante que surgisse entre eles, fosse em termos econômicos, étários ou até de habilidade organizacional.

Afirmava-se também que relacionamentos homossexuais, ao envolverem por definição indivíduos do mesmo gênero (confundindo-se aí sexo fisiológico e papel de gênero), evitariam a desigualdade de poder inerente aos relacionamentos heterossexuais, tornando os homossexuais especialmente aptos a relações democráticas.

O exemplo do Somos, difundido principalmente pelo nanico Lampião, logo se alastrou pelo Brasil, chegando a existir 20 grupos de militância homossexual no país por volta de 1980. Embora cada um exibisse particularidades próprias, quase todos optavam por experimentar formas de organização que evitassem ao máximo a constituição de "novas estruturas de poder", procurando promover relações ultraigualitárias entre seus militantes, mesmo às custas de uma baixa eficiência.

O resultado disso logo era sentido, pois os grupos mostravam grande dificuldade em extrapolar seu campo de atuação para além das reuniões internas, invariavelmente centradas em torno de desavenças pessoais entre os militantes, muitas vezes resultantes da gradual constituição de uma liderança informal difícil de controlar, uma vez que sua própria existência era negada.



A esses efeitos desagregadores vieram somar-se outras dificuldades enfrentadas pelos grupos homossexuais. Era muito difícil, por exemplo, sustentar uma campanha prolongada contra um alvo tão difuso quanto o preconceito anti-homossexual. No Brasil, ao contrário de outros países, havia poucas leis que proibissem esse tipo de relação, faltando assim um objetivo claro que servisse para aglutinar uma ação militante. As relações ambíguas estabelecidas com um Estado de natureza multifacetada e com as organizações político-partidárias serviam para aumentar ainda mais a confusão na localização de adversários a serem combatidos.

As desavenças intra e intergrupais tornaram-se cada vez mais marcadas e o movimento homossexual logo deixou de ser um refúgio onde indivíduos pudessem explorar e desenvolver livremente sua homossexualidade, para se tornar um campo de batalha. Concomitante ao crescimento desse movimento, desenvolviam-se também uma série de atividades comerciais voltadas a esse mercado, e logo, os novos bares, discotecas e saunas gays passaram a apresentar espaços de socialidade homossexual muito mais atraentes que as organizações políticas. Assim, em pouco tempo, a maioria dos grupos de militância homossexual entrou em colapso, sobrando apenas uns poucos que, coincidentemente ou não, eram freqüentemente acusados de serem mais "autoritários" ou "personalistas" por não terem aderido plenamente aos ideais ultra-democratizantes.

Hoje sobrevivem apenas alguns poucos grupos, como o Atobá no Rio de Janeiro e o Grupo Gay da Bahia, em Salvador. Mas apesar da breve duração da maioria dos grupos e dos desentendimentos entre eles, o movimento homossexual deixou um legado importante.

Criou-se a idéia de que os homossexuais, além de não deverem ser discriminados enquanto cidadãos, teriam até direitos específicos. Obteve-se assim o reconhecimento oficial, por parte do Estado, do Grupo Gay da Bahia e do Grupo Triângulo Rosa, como agremiações declarada mente homossexuais. Também se conseguiu o reconhecimento da homossexualidade como expressão sexual legítima e a revogação de sua classificação como "desvio e transtorno sexual" no código de doenças do Inamps. Diversos municípios incluíram em suas constituições cláusulas proibindo a discriminação devida à orientação sexual e até o código de ética dos jornalistas agora veda a perseguição ou discriminação por esse motivo. Infelizmente, muitas dessas conquistas são meramente formais e são regularmente desacatadas. Servem porém para confirmar certos princípios e talvez num futuro ainda imprevisível venham a exercer um controle mais afetivo sobre a convivência social.

Mas é inegável a eficácia dos grupos homossexuais em vários sentidos. Talvez a principal tenha sido a construção de redes de sociabilidade unindo (e também promovendo) um novo tipo de homossexual que não é dominado por sentimentos de culpa e não se considera doente ou anormal. Mesmo depois de cessadas as atividades declaradamente militantes, essas redes têm sobrevivido e, freqüentemente, tem sido cruciais na vida de muitos de seus participantes, influenciando na escolha de moradia, de emprego, de atividades de lazer e de opção política.

O advento da AIDS tem em alguns casos voltado a mobilizar essas redes de sociabilidade. A inauguração do primeiro programa oficial de combate à AIDS no Estado de São Paulo foi resultado, por exemplo, da movimentação de antigos militantes do Somos que sensibilizaram o recém-empossado Governo Montoro para a importância do tema.

Nos casos de indivíduos portadores do HIV, a adoção de uma identidade homossexual e a integração neste tipo de rede tem sido importantes para uma melhor gestão das crises de saúde resultantes.

Do ponto de vista político e social, a atuação dos militantes homossexuais serviu, também, para tomar a homossexualidade mais "respeitável" ou legítima e, hoje, muitas autoridades políticas, médicas ou acadêmicas, podem fazer declarações de apoio ao estilo de vida homossexual sem maiores constrangimentos. Isso adquire uma importância crucial com o surgimento da AIDS, quando apesar da persistência generalizada de preconceitos anti-homossexuais entre médicos e outros profissionais da saúde, os programas oficiais têm sido obrigados a reconhecer a legitimidade social do comportamento homossexual e a necessidade de se respeitar os direitos de cidadania dos seus praticantes.

*Edward MacRae é Antropólogo, autor do livro A construção da igualdade, editora Unicamp.*

#### **Proteção arriscada**

*O ex-ministro ciclista e super-faturado, escudado pelo também ex-diretor da Coordenação de DST/AIDS do Ministério da Saúde, delinquentemente criaram um falso problema em dezembro último: o Brasil não será cobaia das autoridades e dos programas da OMS no experimento de vacinas (preventivas e terapêuticas) contra o HIV/AIDS. Foi assim alimentada uma discussão ociosa sobre a soberania nacional -,esquecendo-se dos barões da indústria químico-farmacêutica internacional que vêem a AIDS como um dos seus negócios mais rentáveis -, e foram desqualificados os profissionais de saúde brasileiros envolvidos neste projeto supranacional, que visa, entre outras coisas, desmercantilizar as epidemias de AIDS.*

*A seleção do Brasil, como país candidato para pesquisas de vacinas anti-HIV/ AIDS, não representa uma imposição pela OMS, pelo contrário. O Brasil, conjuntamente com Uganda, Ruanda e Tailândia foram selecionados a partir de vários critérios que são necessários para o desenvolvimento de um ensaio clínico eficaz das vacinas - ver Boletim e Cadernos pela VIDDA, edição especial, abril de 1992.*

*No país, de ministros imexíveis e incomparáveis, a sociedade é acordada por mais um escândalo: os preservativos em uso não passam nos testes de qualidade mais criteriosos. Além de serem os grandes ausentes das campanhas oficiais, os preservativos produzidos e vendidos por aqui não estão condizentes com as normas internacionais, principalmente quanto aos critérios de porosidade (presença de furos), volume de rompimento e resistência à tração e deteriorização, que invalidam do ponto de vista da segurança o uso do preservativo na prevenção ao HIV/AIDS.*

*A denúncia e comprovação técnica de que cinco das sete marcas de preservativos comercializados no país não garantem efetiva proteção à AIDS, não provoca nenhuma reação da Coordenação de DST/AIDS do Ministério da Saúde. Esta adota a estratégia do silêncio, esquecendo-se de que o silêncio no caso da AIDS equivale a mortes.*

*Quantos brasileiros mais precisam morrer para que a Coordenação de DST/AIDS se sensibilize para o desastre nacional que são as epidemias de AIDS? Quantos brasileiros mais terão morrido quando estas palavras aparecem impressas? Chega de perdas, não? Não são mais toleráveis os que não apóiam esta questão nem se comprometem com ela - A LUTA PELA VIDDA.*

## A MÁGICA E “MAGIC” JOHNSON

“...ainda que estas estimativas estejam seriamente erradas, é claro que os heterossexuais sob risco de infecção pelo HIV são muito mais numerosos que os homossexuais masculinos e os usuários de drogas endovenosas”<sup>(1)</sup>.

“A transmissão da AIDS se assemelha à da maioria das outras doenças de transmissão sexual. A infecção pode ser facilmente propagada por sexo vaginal, do homem para a mulher ou da mulher para o homem. A infecção pode ocorrer após exposição de mucosas íntegras a fluidos vaginais ou seminais. ...A concentração do vírus na população homossexual masculina dos Estados Unidos não é tanto o resultado de uma preferência pela transmissão pelo sexo retal, mais sim a consequência de promiscuidade sexual nesta população”<sup>(2)</sup>.

### O palco armado

A notícia de que o jogador americano de basquete, Earvin "Magic" Johnson, havia contraído o vírus da AIDS gerou no Brasil uma controvérsia absurda e desfocada, como aliás têm sido as respostas da sociedade brasileira à questão. Evitou-se a discussão do significado para a sociedade (americana e mundial) do reconhecimento da infecção em um atleta de enorme conceito e prestígio, reconhecimento este em princípio de consequências positivas (em que pese, obviamente, o drama pessoal do jogador); desconheceu-se a evidenciação do maior impacto da mesma sobre populações socialmente desfavorecidas. Cuidou-se, na verdade, de negar, ou duvidar, da hipótese de aquisição por via heterossexual do HIV. Neste artigo, vamos procurar examinar as razões - ocultas ou evidentes - desta negação, suas consequências, e as oportunidades perdidas para uma discussão equilibrada do impacto da AIDS sobre a Humanidade.

### Os mágicos chineses...

Inicialmente, procurava-se na mídia “decidir” se, no Brasil, a transmissão heterossexual era importante, ou, ainda, se já predominava. Surpreendentemente, porém, passou-se imediatamente a negar a possibilidade mesma da transmissão mulher - homem do vírus, colocando-se em dúvida a afirmação do jogador, de que teria contraído a infecção por um relacionamento heterossexual. Um médico de São Paulo, escudado no rótulo de professor da USP, chegou até mesmo a declarar que não acreditava que o principal meio de transmissão no mundo fosse o heterossexual.

Para esta estranha afirmação, nenhuma explicação era dada, exceto talvez a autoridade *ex-cathedra* da maior universidade do País. Para aquela primeira, a observação de menos de três dezenas de casais de homens e mulheres validaria cientificamente o contra-senso biológico. Aliás, as bases anatômicas, fisiológicas e farmacológicas mesmas da medicina eram balançadas pelas explicações aventadas para o curioso fenômeno monohospitalar.

Disse-se também um chorrilho de pseudo-verdades, como explicação para a pretensa inexistência da transmissão vaginal: assim, a vagina não estaria “preparada” para “absorver” o HIV, pois, se tivesse esta capacidade, o espermatozóide seria também absorvido antes de fecundar o óvulo, e a reprodução da espécie estaria ameaçada. Por outro lado, o reto, “acostumado” a absorver medicamentos, seria o local ideal para a implantação do vírus, - e isto explicaria a propensão do sexo anal para propagar a infecção entre as mulheres e os homossexuais.

### **... e a descoberta brasileira da pólvora**

Apenas para reforçar o que todos sabemos: a absoluta unanimidade da comunidade científica mundial (salvo exceções heterodoxas como as acima) reconhece que a transmissão heterossexual do HIV ocorre; reconhece, ademais, que este tipo de transmissão vem tendo incremento em todo o mundo; e ainda que, de um modo global, esta é a categoria de transmissão mais freqüente e importante.

Como exemplo: dados da Organização Mundial da Saúde, apresentados na VII Conferência Internacional de AIDS, em Florença, 1991, indicam que 70 a 80 por cento do total de infecções pelo HIV se dá por via sexual, e 60 a 70 por cento, por sexo vaginal; em números absolutos, entre 250 e 500 milhões de heterossexuais estão hoje expostos a um risco alto ou moderado de aquisição da infecção, contra cerca de dez milhões de homossexuais masculinos, e até 5 milhões de usuários de drogas endovenosas<sup>(1)</sup>.

A existência da transmissão heterossexual bi-direcional é comprovada já há alguns anos<sup>(3,4)</sup>. Até o que habitualmente se fala, quanto à necessidade de micro-lesões da mucosa para permitir a infecção, não corresponde necessariamente à verdade. Trata-se mais de uma dificuldade em conceituar o muito pequeno, e em querer que as coisas, a nível microscópico, se dêem da forma como as vemos, em grande aumento. Equivale, na verdade, em crer-se apenas no que se vê, ou se constata (o que dificulta a passagem do nível clínico, individual, para o epidemiológico, coletivo). Portanto, se não se viu a transmissão heterossexual, ela não existe uma inversão do postulado popperiano da falsificação: segundo Popper, não é possível afirmar que algo é verdadeiro, mas apenas provar que um determinado conceito ou fato é falso.

Embora tenha-se associado epidemiologicamente a existência de ulcerações genitais com a transmissão do HIV, ela não é condição *sine qua non*, e nem o fato de ser a relação anal potencialmente mais traumática explica necessariamente a correlação entre homossexualismo e AIDS. A ocorrência de infecção pelo HIV através de procedimentos de inseminação artificial- não traumáticos, até mesmo assépticos - já revelou isto (de novo) já há algum tempo.

Na verdade, as mucosas do corpo - vaginal, retal, genital, oral ou outras - dispõem de um sistema imunitário local da maior importância: determinadas células especializadas captam os agentes infecciosos, ou substâncias (antígenos) por eles produzidas na superfície das mucosas intactas, transportam-nos para o interior das mesmas, e os apresentam às células imunes (linfócitos), que existem em grande quantidade próximas a elas. Há então a

produção local de anticorpos, secretados para a superfície da mucosa, com o eventual desenvolvimento de imunidade contra aquele micorganismo específico.

Este é um fenômeno bem conhecido por aqueles que se dedicam ao estudo das infecções, uma vez que, em geral, o melhor meio de se imunizar alguém é introduzir a vacina no organismo pela via natural de infecção, como se faz com a vacina Sabin contra a poliomielite, empregada pela boca. Este fato é muito importante, pois existe a possibilidade de que uma eventual vacina contra o HIV só venha a ser plenamente eficaz se administrada desta forma: por via vaginal, por exemplo.

Sabe-se, hoje em dia, que aquelas células a que fizemos referência, chamadas de células de Langerhans, células dendríticas e células M, existentes na derme e nas mucosas, são capazes de serem infectadas pelo HIV, que nelas se multiplica em grande quantidade, e sem destruí-las. Estas células não só introduzem o vírus no organismo, como propiciam a sua multiplicação, e o transportam até os linfócitos, permitindo portanto a infecção dos linfócitos CD4 e, deste modo, do organismo como um todo<sup>(2)</sup>.

Por outro lado, confundir a absorção de moléculas de medicamentos com a de uma célula (grande) como um espermatozóide é má-fé científica - ou enorme desconhecimento das bases da medicina. A absorção de substâncias se dá em função de características próprias das mesmas, pela existência de mecanismos de transporte através da mucosa, e ainda pelo veículo em que a substância é administrada, entre outros fatores, e não necessariamente pelo tipo histológico do revestimento epitelial da pele ou da mucosa.

A explicação a que nos referimos acima, de que o reto "absorveria" melhor as substâncias, e portanto seria uma porta de entrada mais fácil para o HIV, representa uma tentativa, ainda que involuntária, de restringir o risco da AIDS a um determinado grupo: homens e mulheres que praticam sexo anal.

Vagina e reto têm algumas condições anatômicas e fisiológicas próprias que por si sós explicam uma maior predisposição para infecção do que o pênis: com o seu pregueado mucoso interno, apresentam uma superfície exposta aos agentes infecciosos muito maior que a do pênis; sendo cavidades, mantêm claramente uma maior quantidade de sêmen em seu interior do que o pênis em sua superfície, e, em seu interior, os microorganismos encontram condições muito mais favoráveis para a preservação de sua infectividade por um período de tempo maior.

A reação àquelas informações pseudocientíficas obrigou ao surgimento de desmentidos parciais, em que se transformava a descoberta em algo mais simples: havia-se verificado, apenas, que a transmissão na direção mulher-homem era menos eficiente do que no sentido inverso. Ora, seria de espantar se assim não fosse.

Não existem estudos experimentais, analisando a eficiência da transmissão do HIV, e nem seria ético fazê-los. No entanto, pesquisas anteriores, referentes a outras doenças de transmissão sexual (como a sífilis e a gonorréia) revelam, de modo consistente, que é mais

fácil infectar a mulher que o homem, e não se esperaria que para o HIV a situação fosse diferente. Este conhecimento é também antigo.

Por outro lado, a probabilidade de transmissão do HIV em uma única relação sexual é baixa, da ordem de 0,1 a 1%, o que não pode ser motivo para atitudes temerárias ou complacentes em relação ao sexo desprotegido, mas que explica facilmente porque uma série pequena de observações pode dar um resultado negativo, em termo da ocorrência de transmissão.

### **O que o distinto público não viu (porque não lhe foi mostrado)**

Esta nuvem de fumaça de gelo seco, colorida pela arrogância acadêmica, pelo sensacionalismo e pela extraordinária fragilidade da mídia brasileira ao tratar de assuntos científicos (reflexo, certamente, da fragilidade mesma da ciência brasileira, aliás fartamente exposta no episódio) impediu, como dito acima, que se discutisse seriamente o que há de subjacente ao fato lamentável da infecção do jogador: a transmissão heterossexual do HIV vem aumentando em todo o mundo, inclusive nos Estados Unidos, e o reconhecimento disto no Brasil não atrapalha o nosso jogging semanal na direção do Primeiro Mundo.

Também no Primeiro Mundo, e não só no Brasil e em outros países, a epidemia se desloca na direção das camadas socialmente mais desfavorecidas da população: no sentido das minorias raciais, das mulheres, das crianças, dos mais pobres, da população das ruas e de todos aqueles que têm dificuldade em exercer os seus direitos de modo pleno.

"Magic" Johnson é negro. Do total de 192.406 casos de AIDS registrados nos Estados Unidos de 1981 até setembro do ano passado<sup>(5)</sup>, 54.701 ocorreram em pessoas de raça negra: cerca de 28% do total, muito acima da participação da raça na composição étnica da população americana (em torno de 12%). Do mesmo modo, os latinos (ou hispânicos: 6% da população), com 16% do total de casos, estão representados em excesso nas estatísticas do Centro de Controle de Doenças (CDC), repartição do governo americano encarregada das estatísticas oficiais sobre doenças de importância sanitária. Estas minorias, sabidamente desfavorecidas naquele país, estão, portanto, submetidas a um risco aumentado, em relação à população branca, majoritária.

As mulheres destas minorias raciais também são mais afetadas: nos casos registrados de AIDS, a relação homem/mulher nos Estados Unidos é em torno de 9/1 (semelhante à do Brasil, portanto). Na população branca, esta relação sobe para 19/1 - e, entre os negros, despenca para 4/1, assumindo nos latinos uma posição intermediária. Quanto às crianças (que representam 1,7% do total de casos, comparável portanto aos 1,88% da estatística mais recente do Ministério da Saúde do Brasil), as negras somam 53% do total- e as hispânicas, 25%.

A transmissão heterossexual, que até o início de 1988 era responsável por 4% dos casos, representa hoje cerca de 6% do total (um aumento de 50%) - e, como estes dados são cumulativos, é forçosamente maior do que isto, hoje em dia. Entre os brancos, o percentual é de dois por cento; entre os latinos e os negros, 7 e 12 por cento. Estas duas categorias

étnicas, somadas, compreendem 82% do total de casos de transmissão heterossexual entre homens, naquele país.

### **O final do espetáculo**

Este nosso exercício de numerologia (modismo tão ao gosto de nossa elite dirigente), terá revelado o que se vislumbra, mas que se elidiu da discussão: "Magic" Johnson não é apenas uma grande figura esportiva que contraiu o HIV, mas um símbolo de uma tendência mundial de disseminação da pandemia, e dos rumos que ela tem tomado, dentro da população geral.

Todos gostaríamos que a AIDS fosse algo passageiro, e todos esperamos a sua cura ou a sua prevenção, logo. No entanto, enquanto isto não sucede, é preciso que tenhamos presente a magnitude deste problema, e evitemos que ele seja minimizado, em qualquer circunstância.

A questão da transmissão heterossexual, como foi posta no episódio, vem a ser exatamente isto - uma tentativa de reduzir o alcance da epidemia dentro da sociedade. Na medida em que a doença não atinge heterossexuais, estará restrita portanto aos grupos de risco clássicos, e aqueles que não se julgam expostos estarão desobrigados de medidas preventivas: Uma posição confortável, embora um pouco parecida com a do avestruz (que não é bicho que se tire de cartola). Em outras palavras, a reação de negação clássica. E, no caso específico, com aspectos particularmente favoráveis à exibição de cenas de machismo explícito.

As conseqüências do episódio foram muitas, e seus efeitos, infelizmente, se farão sentir por muito tempo. Em primeiro lugar, houve um grande enfraquecimento das poucas campanhas educativas que se fazem no País. Baseadas, como devem estar, nas noções de que deve-se reduzir o número de parceiros e praticar o sexo seguro, e de que a transmissão heterossexual aumenta, a negação pública desta torna sem base as recomendações anteriores. Isto atinge principalmente, é claro, os heterossexuais, grupo menos mobilizado para o problema, até o momento, e portanto vítima mais fácil desta falsa controvérsia.

Em segundo lugar, sofrem as mulheres (e, por extensão, as crianças). Grupo de posição dependente, principalmente em nossa sociedade, não tem a mulher controle absoluto sobre o número de parceiras(os) que o seu parceiro teve, ou tem. A solicitação por sua parte de sexo com proteção de preservativos, neste contexto, gera quase sempre conflito e, muitas vezes, abre a possibilidade da violência ou abandono, em geral com conseqüências para os filhos, se existentes.

Numa situação de resistência à adoção de preservativos por parte dos homens, tentar induzi-los a seu emprego, quando não se julgam ("cientificamente") sob risco é uma tarefa muito difícil para a mulher, já que isto será percebido como prova de desconfiança no comportamento sexual (leia-se, na masculinidade) do parceiro.

Por último, concretamente: nas noites e dias subsequentes ao anúncio da impossibilidade "técnico-científica" da transmissão mulher-homem, vários, muitos brasileiros e brasileiras se infectaram. Muitas crianças nascerão com o vírus, ou serão por ele postas em orfanidade. Esta situação, que certamente se perpetua, é talvez o mais trágico resultado da irresponsabilidade - ética, científica, médica e social - de todos os que incorreram naquelas declarações esdrúxulas e levianas sobre o assunto.

Uma constatação surgiu, que poderá ser positiva, caso bem explorada: não houve discussão científica ou acadêmica da questão. A imprensa médica nacional é lenta, desprestigiada, de pouca penetração, e dominada pelos interesses comerciais dos laboratórios farmacêuticos, a que serve, praticamente sem exceções. O descaso sobre a questão da informação na saúde pode ser visto se lembramos que, antes de interessar-se pelas aplicações médicas de bicicletas e guarda-chuvas, uma das primeiras medidas da administração do Sr. Alceni Guerra no Ministério da Saúde foi colocar em disponibilidade os profissionais de biblioteconomia lotados nos hospitais da rede federal - já de si carentes de bibliotecas.

Isto é também expressão da flagrante fragilidade científica de que sofremos, que já se mencionou acima, muito bem demonstrada por recente trabalho publicado na revista AIDS: consultando urna base computadorizada de dados bibliográficos, e analisando um total de mais de vinte e quatro mil artigos sobre HIV / AIDS, publicados entre 1983 e 1989, os autores revelam que menos de 0,1 % o foram em português (contra 2,5% em espanhol), numa clara medida da pouca credibilidade da nossa ciência<sup>(6)</sup>.

Nenhum jornal solicitou a qualquer cientista pátrio um artigo qualquer sobre o assunto (Um modelo brasileiro para a transmissão do H/V, talvez) para publicação em suas páginas de opinião, ou em seus cadernos de cunho mais cultural ou intelectual. Poucas, tímidas, foram as cartas de médicos dirigidas aos órgãos de comunicação; estas mesmas, em geral, tibiamente apologéticas, ou ativamente arrogantes.

O conhecimento do estado de portador de uma pessoa, sobre sempre ser um drama pessoal, é algo a ser comunicado a poucos, pelos sabidos riscos sociais e emocionais que implica para o indivíduo.

Por isso, quando uma figura de relevo público admite abertamente esse seu estado, admira-se-lhe a coragem, e se aproveita a comoção pública causada para, por todos os meios e modos possíveis, aumentar o alerta da sociedade sobre o problema.

No Brasil, no caso de "Magic" Johnson, estas oportunidades foram desperdiçadas, e desapareceram por completo - como num passe de mágica.



1. Chin, J. - *Present and Future Dimensions of the HIV/AIDS Pandemia*. Em G.B. Rossi, E. Beth-Giraldo, L. Chieco-Bianchi, F. Dianzani, G. Giraldo e P. Veroni (editores): *Science Challenging AIDS. Proceedings Cased on the VII International Conference on AIDS*, Florence, June 16-21, 1991. pp. 33-50. Karger, Basileia, 1992
2. Haseltine, W.A. - *Molecular Biology of the AIDS Virus: Ten Years of Discovery - Hope for the Future*. Em G.B. Rossi, E. Beth-Giraldo, L. Chieco-Bianchi, F. Dianzani, G. Giraldo e P. Veroni (editores): *Science Challenging AIDS. Proceedings Cased on the VII International Conference on AIDS*, Florence, June 16-21, 1991. pp. 71-106. Karger, Basileia, 1992.
3. Holmberg, S.D., Hornsburch, C.R., Ward, J.W. Jaffe, H. W. *Biologic Factors in the Sexual Transmission of Human Immunodeficiency Virus*. *Journal of Infectious Diseases* 1989; 160:116-125.
4. Peterman, T.A., Stoneburner, Allen, J.R. et al - *Risk of Human Immunodeficiency Virus Transmission from Heterosexual Adults with Transfusion-Associated Infection*. *Journal of the American Medical Association* 1988; 259:5558.
5. *Statistics from the Centers for Disease Control*. *AIDS* 1991; 5:1545-1547.
6. Elford, J., Bor, R., Summers, P. - *Research into HIV and AIDS between 1981 and 1990: The Epidemic Curve*. *AIDS* 1991; 5:1515-1519.

Celso Ferreira Ramos Filho  
Professor Adjunto da Faculdade de Medicina da UFRJ e Coordenador Geral do Programa  
SIDA/AIDS da UFRJ

### Revival

*Quarta-feira de cinzas. Ressaca da apoteose nacional. Enquanto no Rio há a consagração oficial do enredo Paulicéia Desvairada, em Brasília o bloco do arrastão na Esplanada dos Ministérios continua saindo às ruas: é anunciada a exoneração do diretor da Coordenação de DST/AIDS, esperada desde dezembro, pelo menos. A solidão do ex-diretor era notória e não gratuita. A surpresa, se podemos nos surpreender no país de Canapi, é o retomo de Lair de Macedo Guerra à direção da Coordenação de DST/AIDS, deixando o seu auto-exílio voluntário de quase dois anos em Washington, D.C.*

*De imediato, ficamos na expectativa da reestruturação da Coordenação de DST/AIDS para que possamos conjuntamente, num futuro que esperamos seja breve, estabelecer um programa emergencial para o enfrentamento global das epidemias de AIDS no Brasil.*